

## O IMORTAL DE MACHADO DE ASSIS

---

CARMEN LÚCIA CRUZ LIMA GERLACH (UFSC)

---

Comemorando o sesquicentenário do nascimento do escritor Machado de Assis em 21 de junho de 1839 e dada sua imortalidade, passo a encarar seu conto *O Imortal* como deveras oportuno para uma análise breve, servindo de preparo para um trabalho mais longo sobre seus contos fantásticos.

Como acentua Castex no seu livro *Le Conte Fantastique en France de Nodier à Maupassant*, o interesse por tal gênero não teria existido sem o aparecimento anterior de certos aventureiros, charlatães, místicos, cientistas e curandeiros, cuja fama encheu a Europa e que proclamavam as maravilhas do hipnotismo, da alquimia, da magia, do apelo às forças sobrenaturais. O fantástico, para Castex, não se confunde com a fabulação convencional das narrativas mitológicas e das histórias de fadas, que impõem um alheamento ao espírito: "Ele se caracteriza, ao contrário, por uma intrusão brutal do mistério dentro dos quadros da vida real e está geralmente ligado aos estados mórbidos da consciência que, nos fenômenos de pesadelo ou delírio, projeta diante dela própria as imagens de seus terrores e de suas angústias."

Caberia reconhecer como seu pioneiro obscuro o autor francês do século XVIII, Jacques Cazotte, cuja divulgação da obra foi feita pelo português Camilo Castelo Branco, no volume *Os Amores do*

**Diabo**, título de sua tradução de **Le Diable Amoureux**.

Não se trata então de Hoffmann ser o inventor dessa fórmula, nem dessa técnica, que ainda hoje comporta novos desdobramentos, contudo, foi depois da grande voga de Hoffmann que o conto fantástico teve uma espécie de renascimento, conduzindo o leitor a um mundo fascinante ou aterrador.

No excelente conto **O Morgado**, Hoffmann diz: "Estava passando por uma sensação idêntica à do indivíduo que escuta uma história do outro mundo, que aterra e que atrai, e pareceu-me..." Este quadro vamos encontrar em Machado de Assis, um narrador que se apresenta, uma estória contada e uma predisposição de espírito dos ouvintes.

Nosso escritor também deixou-se seduzir pelo tema dos elixires que estavam então em grande moda. Segundo Paulo Rónai, no pequeno prefácio que escreveu para o conto **Elixir da Longa Vida** de Honoré de Balzac, os pesquisadores não conseguiram encontrar a fonte direta deste conto. Teria mais a ver com **Frankenstein** de Mary Shelley? Sim, mas no texto de **The Mortal Immortal** por haver pontos de contato entre as duas histórias, afirma Rónai. Que diríamos do **Imortal** de Machado de Assis? É fácil demonstrar semelhanças com o conto do autor francês, muito mais do que com o alemão Hoffmann, autor do **Os Elixires do Diabo**, muito mais tenebroso pelo enfoque.

**O Imortal** é um novo título e uma nova forma dada a uma extensa história chamada **Rui de Leão** e publicada no *Jornal das Famílias* de janeiro a março de 1872. **O Imortal** seria publicado 10 anos depois na *A Estação* com vários pontos em comum com a primeira versão; o mesmo personagem Rui de Leão casa-se com a filha de um pajé, seu sogro lhe revela o segredo da imortalidade e desiludido de tudo (variadas filosofias nas duas versões) procura desesperadamente a morte, tendo êxito graças ao progresso da homeopatia.

Os desdobramentos se fazem notar, o processo da intertextualidade é uma realidade, é impossível não reconhecer sua filiação com outras histórias do gênero e com a sua própria, é a realização de um texto dentro de outro texto. Mas neste outro texto Machado de Assis introduz uma nova intenção, uma forma de contestação para constituir uma paródia? Quais são os indicadores? Sem dúvida, muitos, os que colocam o conto **O Imortal** no nosso contexto, com caracte-

rísticas machadianas próprias.

A estupefação é apresentada de chofre, pelo diálogo inicial e pelas datas de um passado definido:

"- Meu pai nasceu em 1600....

- Perdão, em 1800, naturalmente....

- Não, senhor, replicou o Dr. Leão, de um modo grave e triste, foi em 1600."

O narrador, filho do "mortal imortal" era médico homeopata e chegara à vila dez ou doze dias antes e o fato dele ainda insistir nas primeiras palavras da narrativa aguça o interesse dos ouvintes. Outras vezes o Dr. Leão usará recursos para ativar a curiosidade do tabelião e do coronel para que crescem no caso e não duvidarem da homeopatia. O objetivo de mostrar que a morte é um benefício, conclusão comum aos outros escritores aqui citados, é uma mera passagem para o objetivo imediato, atual, machadiano típico - o desejo do narrador de propagar a homeopatia. Estamos em pleno positivismo e o uso de um blefe é válido para a progressão de uma ciência. O nosso Machado tudo sabe e termina dizendo com ironia jocosa que nosso "bom povo" já esqueceu ambas as versões deste "caso extraordinário".

Os lembretes usados pelo narrador representam uma outra tática enriquecedora pois pretendendo ser breve pode ser longo sem risco de entender os ouvintes. Ainda assim, Machado se sobrepõe num jogo divertido dizendo: "O Dr. Leão continuou a narrativa, e, apesar de dizer que não podia demorar-se nos pormenores, contou-os com tanta miudeza, que não me atrevo a pô-los tais quais nestas páginas; seria fastidioso. O melhor é resumi-los." Sucesso total é o resultado, conto mais curto do que muitos outros com os quais pudéssemos comparar, apenas 6 partes, simetricamente divididas, onde nada é supérfluo, nada repetitivo, tudo é importante. As aventuras deste anti-herói pernambucano, nos fazem pensar tanto num **Zadig** de Voltaire - "dizia que a sorte sempre lhe foi adversa" como num **Macunaíma** de Mário de Andrade, pela sua pouca persistência, e ainda num Casanova - "deixou muito longe o algarismo dom-juanescoco das mille tre", pela vida agitada e turbulenta com as mulheres. Pensaríamos até no Grande **Mentecapto**, filme baseado na obra homô-

nima de Fernando Sabino, cujo herói esperto é sacaneado e sacanea dentro do mais fiel modelo burlesco do Brasil atual. Em Machado, as coisas tomam um aspecto mais nobre, mas o filão existe, só que interiorizado, real e não caricato. O que vemos são três personagens numa sala, um deles é um médico cuja "seriedade é tão profunda, que não havia dúvidas".

O fantástico responde aqui com uma hipérbole carnavalesca, opondo-se ao horror balzaquiano do Elixir da Longa Vida. "Ele se certificara da eficácia do elixir, ungiendo com ele um dos olhos do cadáver do pai, que logo se entreabriu, vivo, brilhante, remoçado, fitando-o de tal modo que, para livrar-se de tal insistência, teve que esmagá-lo" e também opondo-se à frieza de Hoffmann que no seu conto O Morgado alonga-se por 21 divisões sempre explicativo e tedioso. Nestas outras narrativas, também foi utilizado apenas metade do elixir da longa vida, e desta idéia inicial Machado de Assis retirou tão engenhosa e divertida novela.

A hipérbole carnavalesca é a figura que codifica seu discurso, na medida em que funciona nas várias vezes de solicitação do fantástico, como lances cinematográficos. Estes lances têm por objeto essencial a função representativa, há uma total ausência de medida e isto basta para provocar uma sensação hilariante, mistura de terror e prazer. Condenado à morte, Rui de Leão sobe ao Cadafalso: "... não fiz discurso; inclinei o pescoço sobre o cepo, o carrasco deixou cair a arma, senti uma dor penetrante, uma angústia enorme, como que a parada súbita do coração; mas essa sensação foi tão grande como rápida; no instante seguinte tornara ao estado natural." Uma segunda vez foi tentado: "o carrasco fazendo apelo a todos os seus músculos e princípios, descarregou outro golpe, e maior, se é possível, capaz de abrir-me ao mesmo tempo a sepultura, como já se disse de um valente. A minha sensação foi igual à primeira na intensidade e na brevidade; reergui a cabeça". Isto foi na Grã-Bretanha quando se fez passar por duque de Monmouth, suposto filho natural de Carlos II, e caudilho principal dos rebeldes.

Em 1695, Rui de Leão entrou na conquista da famosa república dos Palmares, nota-se que Machado adentra pela história do Brasil, desta vez com a presença dos negros que "defendiam-se também

com água fervendo, e seu amigo recebeu pote cheio; ficou uma chaga... ele expirou quando meu pai lhe metia as botas na cara." Este fato causa horror porque o referencial é verdadeiro. Já suas outras tentativas para tirar a vida, enterrar o punhal no coração por seis vezes, atirar-se ao mar, não causam nenhuma reação dos ouvintes e leitores pois sabe-se que o desenlace não será por este meio.

O eterno retorno acaba por eliminar a noção de passado, transformando-o num eterno presente, por esta razão, esta noção nietzschiana acaba por representar o mais pesado dos fardos. O eterno retorno de Rui de Leão já o estava cansando mas era tolerado na medida em que gozava da liberdade de fugir para outro país, para uma nova profissão, nova mulher, mas quando foi condenado ao cárcere perpétuo ficou aterrado e mais ainda com o despertar da idéia de ser um "doido eterno". A tudo sobreviveu, veio a sucumbir quando "sua alma chegara a um grau de profunda melancolia". Está assim pela certeza agora de que a "vida eterna era o mais atroz dos suplícios".

O desenlace preparado pelo autor, a salvação esperada, virá, como que por um acaso, quando o filho faz a alguns amigos uma exposição do sistema homeopático. "Simila similibus curantur." Esta expressão latina significa que "bebera o resto do elixir, e assim como a primeira metade lhe dera a vida, a segunda dava-lhe a morte. E, dito isto, expirou". Quando termina a ficção é que começa praticamente a lição pois o parágrafo seguinte, curto, desenvolve duas idéias essenciais, já comentadas aqui, importância da divulgação e fatal esquecimento do que se ouve, do que se lê, refletindo, modestamente é verdade, sobre sua própria literatura. No dizer de Barthes - "literatura - objeto e meta-literatura". Este desfecho machadiano apresenta uma perfeita construção de incontestável modernidade.

#### **Bibliografia utilizada:**

Assis, Machado de. "O Imortal", in: **Contos Fantásticos**. Seleção e apresentação de R. Magalhães Junior, Ed. Bloch, 1973. Rio de Janeiro.

Hoffmann, Ernst. "O Morgado", in **Contos fantásticos**. Tradução de Gomes Leal. Editorial Estampa, nr. 23, 1974. Lisboa.

Junior, R. Magalhães. **A arte do conto**. Ed. Bloch, 1972. Rio de Janeiro.

Jenny, Laurent. "Le discours du carnaval", in: **Nuages et Discours**. Rev. Littérature, décembre 1974, Paris.

Barthes, Roland. "Littérature et Méta-littérature", in **Essais critiques**. Editions du Seuil, 1964, Paris.

